

LIVROS

onde a minha rolleiflex?, de Márcia Maia
Prêmio Eugênio Coimbra Júnior | Poesia

onde a minha rolleiflex?, da pernambucana Márcia Maia é de uma autora que já tem o seu lugar na poesia contemporânea brasileira. Começando pelo título interrogativo e pela doce evocação da *rolleiflex*, Márcia Maia provoca inquietude e desejo no leitor. Com que lentes a poeta filtra o mundo? Como fotografar sentimentos, lembranças, amores? Como fixar o tempo? Clicar a memória?

Mas para que respostas se o melhor é justamente ler e reler cada um dos poemas para perceber a delicadeza e a concisão dos versos, qualidades essenciais na linguagem poética de Márcia Maia.

Peccata mundi, de Geraldo Maciel
Prêmio Lucilo Varejão | Ficção

Geraldo Maciel, escritor paraibano, não chegou a ver o seu *Peccata mundi* publicado. Faleceu em João Pessoa, meses após a premiação pelo Conselho de Cultura da Prefeitura do Recife. Falando sobre o livro, o crítico literário paraibano Ronaldo Monte assim se expressa: “Só quem entende do riscado pode fazer com maestria a passagem dos sentimentos mais abjetos do Padre Carrão, dos desejos mais fervorosos de suas doze filhas, para os planos gerais de uma batalha campal onde o sol e a poeira embrutecem homens e mulheres”. Segundo Ronaldo: “Barreto – ou Geraldo Maciel, como queiram – sabe puxar o leitor pela ponta do nariz e o levar para onde bem queira. E é tão confiante nisso que chega a revelar seus truques dizendo que, às vezes, *os fatos e as coisas se encaixam de tal modo que só a sorte, a coincidência ou a vontade do autor de terminar a história podem explicar o que aconteceu*”.

Maracatu-nação, de Paola Verri
Prêmio Jordão Emerenciano | Ensaio

A professora e ensaísta pernambucana Paola Verri faz uma fascinante análise do maracatu, ao mesmo tempo em que revela as transformações da cidade e da sociedade recifense. Paola vai demonstrando as situações em que vive o maracatu: ele é festa e é, também, espetáculo. Para sobreviver, mantém-se como festa e ao transformar-se em espetáculo revela as mudanças do Recife e a sua urbanização.

Passos de ontem, de Luis Carlos Ladeia
Prêmio Elpídio Câmara | Teatro

Segundo o crítico literário Cristhiano Aguiar: “Em todas as grandes cidades brasileiras, existe uma série de espaços e personagens que são, aos olhos dos mais favorecidos, recobertos pela invisibilidade. Invisíveis se tornam por causa da miséria e da alienação dos mais básicos direitos de cidadania”.

Uma das funções da arte, contudo, consiste em reescrever a vida e as certezas que possuímos sobre ela. Desse modo, *Passos de ontem* lança um olhar sensível em

direção a esses personagens perdidos no degredo urbano: Quiném, Paloma, Serebo, Butigão, Caculé e Gabinão, cuja caracterização revela a dignidade humana que surge mesmo nos contextos mais desfavoráveis.

A bem-sucedida estreia do escritor paulista Luiz Carlos Ladeia no campo da dramaturgia revela que escrever acerca de temas sociais continua a ser uma seara fecunda para os nossos escritores e dramaturgos.

Máquinas na pista, de Marcus Vinícius Quiroga

Prêmio Eugênio Coimbra Júnior | Poesia

Máquinas na pista, do poeta carioca Marcus Quiroga, é um livro de poesia que apresenta uma extraordinária unidade estilística e formal, convergindo para a ideia de textos como máquinas em andamento.

Nesta obra, o poeta dialoga com a literatura clássica, e, fazendo uso do soneto, surpreende com uma vigorosa poesia contemporânea.

Iluminata, de Luzilá Gonçalves

Prêmio Lucilo Varejão | Ficção

A premiada escritora pernambucana Luzilá Gonçalves assim fala do seu novo romance: *Iluminata*. Uma mulher em busca de um amor que só se realizará no final da vida. Bela, cortejada, seu salão, que realmente existiu em um Recife que está desaparecendo, recebia amigos e poetas. Escreve um Diário, que a filha lerá, comentará, muitos anos depois. Duas mulheres, duas gerações, perplexas diante da vida. Um romance situado entre a história e a imaginação.

Artimanhas de Malazartes, de Rodrigo Rangel Costa

Prêmio Elpídio Câmara | Teatro

O dramaturgo pernambucano Rodrigo Rangel, conhecedor da cultura regional, dá vida a um dos personagens mais instigantes dos contos populares: o Malazartes.

Fabuloso arquétipo do trapaceiro, símbolo da esperteza, Malazartes é recriado com desenvoltura, impregnado de misticismo e de picardia.

Malazartes e os outros endiabrados personagens com suas estripulias próprias da sátira ganham uma dimensão universal pela visão social que Rogério Rangel Costa imprime ao texto.

Recife mascate – a aventura empreendedora lusa na primeira metade do século XX, de Luiz Carneiro de Mendonça

Ensaio | Editora Garamond

Este livro traz ao leitor um estudo histórico sobre a grande influência e importância de comerciantes portugueses na primeira metade do século XX na formação da cultura brasileira, especificamente na cidade do Recife. O autor revela por meio de densa e extensa pesquisa da literatura econômica, empresarial, documental e cultural, em que domínios da economia e cultura empresariais os lusos contribuíram para o desenvolvimento dos negócios na cidade pernambucana.